

Paisagens Rurais: O Rio Grande do Sul nas telas de Pedro Weingärtner

Eje 3

Rossi, Giovana Zamboni

LABIMHA/UFSC – Laboratório de Imigração e História Ambiental / Universidade Federal
de Santa Catarina – Brasil
giovana-rossi@hotmail.com

Resumo:

Este trabalho propõe-se estabelecer laços de conexão entre os conceitos de territorialidade e paisagem. Através dos instrumentos de análise da História Ambiental, reflete as representações de paisagens rurais nas pinturas regionalistas de Pedro Weingärtner, artista teuto-brasileiro residente no Rio Grande do Sul (1853-1929), correlacionando-os com os acontecimentos políticos da virada dos séculos XIX para XX, junto da criação de uma identidade rural riograndense pós revolução farroupilha. A ideação de uma identidade regional está presente nas representações paisagísticas deste artista, que refletem as territorialidades em constante disputa no período. Pensar o espaço necessita envolver os pontos de inflexão entre o meio físico e o simbólico, visto que um interfere no outro para sua existência e construção. Este trabalho reflete que além do campo topográfico, a linguagem, a cultura, os desejos identitários e a política remodelam a forma como nos relacionamos e significamos as paisagens e a natureza.

Palavras-chave: Paisagens Rurais; História Ambiental; Imigração; Pedro Weingärtner;

A vida do campo e da cidade é móvel e presente: move-se ao longo do tempo, através da história de uma família e povo; move-se em sentimentos e ideias, através de uma rede de relacionamentos e decisões.
Raymond Williams, O campo e cidade na História e Literatura, 1973, pg.21

A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural é o resultado.
Francisco Carlos Teixeira da Silva, 1997, p.208

A natureza tal qual conhecemos enquanto enquadramento de paisagem é, para além de suas características materiais, uma construção simbólica interposta de relações sociais, posteriormente inscritas em pinturas.¹ O estudo das paisagens apresenta um campo ilimitado e interdisciplinar de possibilidades de pesquisa. Para além do campo da arte, o estudo dos enquadramentos, a ausência ou a presença de determinadas personagens, cenas e cenários carregam em si informações ricas para o estudo da história ambiental. Narrar o espaço físico e imaginado através de imagens não é uma questão estritamente estética. Antes de ser posta em perspectiva, as paisagens são um constructo social, marcada por diferentes territorialidades (topográficas, culturais, nacionais). Como afirma a pesquisadora Anne Cauquelin:

essa “forma simbólica” estabelecida pela perspectiva não se limita ao domínio da arte; ela envolve de tal modo o conjunto de nossas construções mentais que só conseguiríamos ver através de seu prisma. Por isso é que ela é chamada de “simbólica”: liga, num mesmo dispositivo, todas as atividades humanas, a fala, as sensibilidades, os atos.²

Sendo assim, as representações da paisagem nos apresentam a possibilidade de historicizar as múltiplas relações que se estabelecem naquele espaço modificado e imaginado. As paisagens são objeto e documento histórico, pois tanto as paisagens quanto a compreensão de natureza são criações culturais ao longo do tempo, que se modificam e ressignificam junto dos animais, humanos ou não, através da interação com o meio natural autônomo.

A palavra natureza em si carrega muitos sentidos, como a natureza enquanto essência de algo ou alguém, a ideia de Natureza advinda do iluminismo Europeu como uma certeza inata a qual exerce autoridade sobre o funcionamento das coisas, ou também a implicação de natureza como paraíso, o Jardim intocado, virgem, o lugar onde as coisas são harmoniosas e

¹ MATTOS, Claudia Valladão de. **O enfrentamento entre homem e natureza na pintura de paisagem do Brasil no século XIX.** UNICAMP/CBHA

² CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem.** São Paulo, Martins, 2007, p.38

perfeitas, exóticas.³ Essa natureza virgem, verdadeira e intocada, “seria mais um dos mitos acalentados pelo homem contemporâneo”⁴.

No século XIX reinava no Brasil a visão pragmático-utilitarista da natureza, transformando-a em objeto a ser dominado, passiva à ação dos seres humanos, que por sua vez figurava como não-natural, dissociado do meio que habita. As paisagens eram entendidas como um dado da natureza, originárias e inatas.

A urbanização corroborou com essa percepção da natureza, o pesquisador Gilmar Arruda afirma que a transição do século da XIX para o XX apresenta grande:

(...) transformação das mentalidades e hierarquias sociais as relações com a natureza também foram profundamente afetadas. A procura por novas reservas de matérias primas acelerou a construção de ferrovias, de estradas e canais. O deslocamento e reassentamento de milhões de pessoas de um continente para o outro, tangidas pelas mudanças na organização social e atraídas pelas possibilidades de terras “vazias” ou por necessidade de mão-de-obra, produziu uma acelerada e gigantesca mudança da paisagem no novo mundo. Nesse processo de re-localização foram produzidas representações sobre o clima, sobre os antigos habitantes e, em especial, uma visão contraditória da antiga floresta: ao mesmo tempo testemunho da terra e inimigo que precisaria ser vencido para revelar outras riquezas, construir outra “natureza”.⁵

A espacialidade específica narrada pelas pinturas de Pedro Weingärtner a ser transformada e ressignificada no Rio Grande do Sul, no final do século XIX e início do XX demarca um período de afirmação da singularidade de um território. Esta singularidade territorial construída pela narrativa da grande imigração europeia, a qual apresenta clara e forte desconexão com a história dos habitantes indígenas da região, construiu fronteiras entre o espaço trabalhado, modificado e o ideal de natureza denominada virgem e intocada. Nas palavras de Arruda, elabora “uma cisão, portanto, entre natureza e humano, entre natureza e história, no processo de construção das fundações de uma memória coletiva, suporte de identidades nacionais ou regionais”⁶

³ Rossi, Giovana Zamboni. **Narradores do Espaço no Tempo: Territorialidade e Paisagens em obras pictóricas e literárias na segunda fase do romantismo alemão**. 2018. 80f. Trabalho de Conclusão de Curso em História - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018, p. 16.

⁴ DUARTE, Regina Horta. **História & natureza**. Autêntica, 2007, p. 47.

⁵ ARRUDA, Gilmar (Org.). **Natureza, fronteiras e territórios**. Londrina: Eduel, 2005. pg. 8

⁶ ARRUDA, Gilmar. O chão de nossa história: natureza, patrimônio ambiental e identidade. UNESP – FCLASs-CEDAP, v.2, n. 2, 2006. p. 121

Pedro Weingärtner⁷ nasceu em Porto Alegre em 1853, 17 anos após a proclamação da República Rio-Grandense, responsável por delimitar as fronteiras geográficas do estado do Rio Grande do Sul. O artista brasileiro é conhecido principalmente por suas pinturas com a temática regional, evidenciando características culturais e costumes do Sul do país. Descendente de imigrantes alemães, viveu a maior parte de sua vida migrando entre Brasil e Europa, onde realizou sua formação acadêmica. É interessante relatar que algumas viagens de estudos foram financiadas pelo Imperador Dom Pedro II, concedendo-lhe uma bolsa de estudos em 1884. Sendo nomeado pelo Presidente Marechal Deodoro da Fonseca professor de desenho da Escola de Belas Artes no Rio de Janeiro, no período entre 1891 e 1893, ganhou notoriedade, visto que a Academia imperial de Belas Artes foi um importante centro de construção do “imaginário nacional” marcando a história da arte do País. Em 1908 estabeleceu-se em Porto Alegre um Instituto de Belas Artes com o fim de “dinamizar a cultura e colocar o Estado em evidência como um local civilizado, no início do século XX.”⁸. O campo das artes plásticas do Rio Grande do Sul teve seu alargamento ao longo do século XIX, unido às transformações urbanas e crescimento populacional. É na segunda metade do século XIX e início do XX que ambientes de sociabilidade e divulgação de trabalhos artísticos, como cafés, teatros, cinema e fotografia se consolidaram. O momento artístico e social na virada de século, estava em ebulição, principalmente na cidade de Porto Alegre, morada de Weingärtner.⁹ Informação que enriquece a compreensão do papel das obras de Weingärtner na representação paisagística e cultural do mundo rural riograndense.

Este artigo propõe analisar três pinturas a óleo sobre tela que evidenciam paisagens rurais do Rio Grande do Sul, são elas: *Derrubada*, 1891; *Tempora Mutantur*, 1898 e *Carreiros gaúchos chimarreando*, 1911. Nota-se na obra de Weingärtner a repetição de uma estrutura, tema e de elementos em destaque, em especial nestas obras a repetição da composição paisagística em níveis (personagens, natureza trabalhada, residências e nos liames do horizonte a mata fechada), a presença de árvores cortadas e os personagens.

O forte teor narrativo das obras de Weingärtner difere os enquadramentos, mas repete a paisagem em pelo menos sete obras localizadas (*Cena de guerra*, 1894; *A derrubada*, 1894; *Paisagem derrubada*, 1898; *A morte do lenhador*, 1924; *gravura Paisagem de Tempora mutantur*, sem data) , incluindo a *Tempora mutantur*, 1898 e *Carreiros gaúchos*

⁷ Para mais informações biográficas do pintor: FOCHESSATTO, Cyanna Missaglia de. **Imagens da imigração europeia nas pinturas de Pedro Weingärtner: representação do imigrante e do processo de colonização (século XIX e XX)**. Dissertação em História – UNISINOS, 2015

⁸ Ibidem, p. 40

⁹ Ibidem, p. 50

chimarreando, 1911, aqui analisadas.¹⁰ As intervenções na natureza, as transformações da paisagem, as mudanças socioculturais, o impacto da imigração e a construção de um novo referencial cultural legitimador das transformações nas paisagens rurais riograndense marcam presença nas obras selecionadas.

Sendo assim, como afirma Arruda, “a transformação da natureza no processo de instalação dos novos ocupantes e de suas formas particulares de organização do espaço, os “praticantes de espaços”, resulta em um sentimento de pertencimento, que não se dissocia do sentimento de conquista, de desbravamento”¹¹, tanto o colono imigrante do Sul do Brasil quanto a imagem do gaúcho, assumem o papel de colonizador. E ao analisar tais presenças em pinturas, acabamos atribuindo, como afirma Mattos, “(...) um papel ativo à pintura de paisagem como instrumento de poder. Tal poder é derivado, em primeira instância, de sua capacidade de “passar por natureza”, de ser o lócus de naturalização de determinadas relações sociais.”¹²

As imagens refletem o olhar de quem as encara. Carregam mais do que apenas um instante ou período. Ficam marcadas nas análises imagéticas, seja acadêmica ou mera observação pessoal, o período, contexto e percepção subjetiva de quem as olha. Como Hans Belting escreve:

Devemos encarar a imagem não só como um produto de um dado meio (fotografia, pintura, vídeo), mas também como o produto de nós próprios, porque geramos imagens nossas (sonhos, imaginações, percepções pessoais), que confrontamos com imagens do mundo visível. Uma imagem é mais do que o produto da percepção, é resultado da simbolização pessoal ou coletiva.¹³

Sendo um conjunto de símbolos que transitam, transforma-se, movimentam-se no tempo em uma constante reconstrução de si mesmas, as imagens estabelecem direta relação com a forma que interpretamos o espaço. Agem como reflexos das demarcações físicas no espaço, e das significações subjetivas do mesmo. As paisagens, extensão física das imagens, demarcam as intenções e os projetos de organização socioespacial não só na sua estrutura corpórea como também nas noções de pertencimento, de identidade. Há, portanto, a paisagem física, vivida, cotidiana, “em que os seus elementos configuraram se como ferramentas de apropriação do espaço e delimitação de fronteiras, compondo a dinâmica das relações

¹⁰ NICOLAIEWSKY, Alfredo. **Weingärtner e a repetição**. In: VALLE, Arthur; DAZZI, Camila (Orgs.). Oitocentos – Arte Brasileira do império à República – Tomo 2. Rio de Janeiro: EDUR.UFRRJ/ DezenoveVinte, 2010, p. 31.

¹¹ ARRUDA, Gilmar (Org.). **Natureza, fronteiras e territórios**. Londrina: Eduel, 2005, p. 17.

¹² MATTOS, Claudia Valladão de. **O enfrentamento entre homem e natureza na pintura de paisagem do Brasil no século XIX**. UNICAMP/CBHA. p. 287.

¹³ BELTING, Hans. **Antropologia da imagem**. Lisboa: KKYM+EAUM, 2014, p. 21.

econômicas e das relações entre diferentes grupos sociais”¹⁴, mas também a paisagem simbólica fruto do olhar, das experiências subjetivas com o espaço.

As narrativas pictóricas de temática regional de Weingärtner narram à sua maneira o meio com o qual interagia, destacando um tipo social específico que modificou não só as paisagens, mas a linguagem, cultura e costumes da região. Sem a pretensa de uma verdade narrativa, as imagens deslocam-se no espaço-tempo conforme quem as observa, ressignificando suas presenças por àquele que as interpreta. Neste sentido, a base da análise das obras selecionadas de Weingärtner é a intensão de legitimar a presença do colono e do gaúcho dos processos de modificação da paisagem rural do Rio Grande do Sul. Estando ausente em sua narrativa, um esquecimento intencional, da presença de outros grupos sociais, como por exemplo os indígenas.

A imagem 1 é a única escolhida que não apresenta figura humana. Também é a única que não deixa claro as árvores cortadas enquanto sinônimo de progresso. A estrutura do quadro é dividida em dois grandes enquadramentos: As montanhas verdejantes regidas pelo céu azul claro, e uma cachoeira que corta o horizonte, e o outro com pouca iluminação apresenta troncos pelo chão, o solo nu mostrando pedras e raízes. Já na imagem 2 e 3, os troncos caídos em segundo plano, não denotam destruição, mas sim trabalho, progresso, aprimoramento.

Imagem 1: Derrubada, 1894

¹⁴ CLAVAL, Paul. **Geografia Cultural: O Estado da Arte**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (org). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 1999a, p. 83.



Fonte: WEINGÄRTNER, Pedro. Derrubada, 1894. Óleo sobre tela, 117 x 148 cm. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, RJ

Como o nome da obra sugere, trata-se de uma cena de derrubada da mata. O espaço na terra sendo aberto, fornecendo antes mesmo de passar pelo processo de queimada, plantação e capoeira, materiais essenciais para o estabelecimento do colono no meio rural, a madeira. O desmatamento, funcional para ocupação do território, nessa pintura, cria um cenário antipático frente ao verde do horizonte. Isto é, a natureza é a protagonista da cena, deixando evidente o contraste desta com o espaço de ação humana. Ou melhor, revela a relação homem-natureza como fonte da transformação espacial. O pesquisador Marcos Gerhardt, elucida o processo de ocupação dos imigrantes e sua interação com as mudanças na paisagem:

A floresta podia ser uma dificuldade para a agricultura, mas fornecia aos colonos a lenha para os fogões domésticos e para os fornos das olarias, a madeira para a construção de casas e das instalações rurais que eram habitadas por variada fauna, vista inclusive como caça. Acima de tudo, após o

desmatamento, as terras de roça nova eram muito férteis e rendiam excelentes colheitas.¹⁵

Apesar de não haver presença humana na tela os troncos decepados ao centro, e observando as obras em conjunto, pode-se estabelecer uma relação com a observação dos processos de assentamento e produção do cenário rural. Como era a paisagem e como os imigrantes a estavam transformando? A remoção da cobertura vegetal do território transformou profundamente não só o imaginário sobre a região como também a transformou fisicamente. Segundo dados levantados pelo Serviço Florestal Brasileiro (SFB) em 2018, a cobertura vegetal não ultrapassa o equivalente a 17% em todo o território gaúcho. Processo este que se inicia com os métodos antiquados de agricultura desenvolvidos pelos imigrantes no final do século XIX e início do século XX.¹⁶ Este processo fica mais evidente nas pinturas *Tempora Mutantur* e *Carreiros gaúchos chimarreando*

A imagem 2, *Tempora Mutantur*, de estilo realista apresenta o “ambiente agreste do Sul do Brasil, em zona serrana de colonização”¹⁷ em quatro níveis: a presença de um homem e uma mulher com enxadas semeando a terra. As grandes árvores cortadas deixam os troncos caídos no arroio, dando espaço para o solo cultivado, junto ao rio forma a divisão entre o campo, a mata e as residências. Ao fundo da paisagem há duas casas relativamente distantes, com a fumaça nas chaminés. Entre as residências percebe-se a ausência de árvores. E perde-se no horizonte a fronteira composta pela mata fechada.

Ao percebermos a pintura separada em níveis fica clara a intenção evidenciada pelo pintor da dualidade entre campo e mata, ou seja, a fronteira física entre o espaço cultivado, trabalhado pelos residentes e o espaço intocado, virgem.

IMAGEM 2: *Tempora Mutantur*, 1898

¹⁵ GERHARDT, Marcos. Imagens, natureza e colonização no sul do Brasil. In: ARRUDA, Gilmar (Org.). *Natureza, fronteiras e territórios*. Londrina: Eduel, 2013, p. 127.

¹⁶ FOCHESSATTO, Cyanna Missaglia de. **Imagens da imigração europeia nas pinturas de Pedro Weingärtner: representação do imigrante e do processo de colonização (século XIX e XX)**. Dissertação em História – UNISINOS, 2015, p.159.

¹⁷ FOCHESSATTO, Cyanna Missaglia de. **Imagens da imigração europeia nas pinturas de Pedro Weingärtner: representação do imigrante e do processo de colonização (século XIX e XX)**. Dissertação em História – UNISINOS, 2015. p. 79



Fonte: WEINGÄRTNER, Pedro. *Tempora Mutantur*, 1898, Óleo sobre tela, 110,3 x 144,0 cm. Porto Alegre, Museu de Arte do Rio Grande do Sul A do Malagoli.

Esta é a única tela que apresenta a terra arada, gerando estranheza a presença de troncos no solo semeado. As cores da tela indicam o momento do entardecer. A tonalidade utilizada, seja no campo, seja no céu ou até mesmo nas vestes da mulher são cores baixas, unindo os quatro níveis da tela em uma mesma atmosfera, sem intensidade. Como afirma Nicolaiewsky: “São cores rebaixadas para se fundirem no conjunto. A sensação geral é um tanto melancólica: há o cansaço do trabalho feito e as dúvidas do porvir.”¹⁸ Esta sensação está ligada ao fato de que o foco de atenção da tela está nas mãos dos personagens, que garantem estabilidade para a

¹⁸ NICOLAIEWSKY, Alfredo. **Weingärtner e a repetição**. In: VALLE, Arthur; DAZZI, Camila (Orgs.). Oitocentos – Arte Brasileira do império à República – Tomo 2. Rio de Janeiro: EDUR.UFRJ/ DezenoveVinte, 2010, pg. 34

cena. Apesar de diversas possibilidades de eixos e pontos de foco, a tela não sugere movimento, mas sim solidez.¹⁹ Solidez não só estética, mas na firmeza do olhar da mulher às mãos calejadas e do homem mirando o trabalho feito, dos troncos cercando a terra cultivada, e das casas postas ao fundo.

Assim, nas palavras de Anne Cauquelin, “(...) o que se vê não são as coisas, isoladas, mas o elo entre elas, ou seja, uma paisagem. Os objetos, que a razão reconhece separadamente, vale apenas pelo conjunto proposto à visão.”²⁰ Conjunto este que em seu contexto histórico denota um dualismo entre natureza e civilização, sendo o enfrentamento da natureza, apresentado como binômio para o advento da urbanização, este por sua vez promessa primeira do projeto de colonização do sul.

A política imigratória e colonizadora adotada pelo governo imperial brasileiro em 1822 a 1915 incentivava a criação de núcleos colônias de pequenos proprietários nas áreas rurais do Brasil, a fim de ocupar os ditos “vazios demográficos”, iniciar um processo de branqueamento da população brasileira e por conseguinte valorizar a terra e definir fronteiras. Os imigrantes por sua vez necessitaram (re)construir sua identidade, adaptando-se ao novo ambiente, vendido como a “Segunda Europa”. Representados por Weingärtner sempre como os donos da terra, o trabalhador.²¹

A forma como Weingärtner pinta os personagens, revela, como elaborou a pesquisadora Fochesatto:

(...) que os imigrantes já foram de um nível social diferente. Ele pintou as vestes, tanto no homem quanto na mulher, de forma mais elegante, além disso, os personagens expressam um certo desgosto, pois a mulher olha as mãos delicadas, de quem nunca trabalhara com enxada na vida, sendo transformadas pelos calos do labor no campo.²²

Tanto a imagem 2 como a imagem 3 sugerem uma determinada forma de organizar o espaço singular a uma concepção de cultura. A paisagem do horizonte é a mesma. As duas casas relatando a malha urbana já estabelecida, a mata “virgem” ao fundo cercada por campos abertos, os troncos abatidos ao redor do rio, e a presença dos humanos. Na imagem 3, no entanto, há a presença de outros personagens que não só o colono imigrante. São condutores

¹⁹ Ibidem, pg. 34

²⁰ CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo, Martins, 2007. Pg.86

²¹ FOCHESTATTO, Cyanna Missaglia de. **Imagens da imigração europeia nas pinturas de Pedro Weingärtner: representação do imigrante e do processo de colonização (século XIX e XX)**. Dissertação em História – UNISINOS, 2015. p. 71

²² FOCHESTATTO, Cyanna Missaglia de. **Imagens da imigração europeia nas pinturas de Pedro Weingärtner: representação do imigrante e do processo de colonização (século XIX e XX)**. Dissertação em História – UNISINOS, 2015. p. 77

de carretas e peões, com seus ponchos, chapéus e bombachas povoando o imaginário da região. Pode-se perceber a oposição entre a melancolia dos colonos (Imagem 2) com a tranquilidade dos gaúchos (imagem 3). Enquanto os colonos trabalham a terra, cultivando o solo, os gaúchos chimarreiam, mostrando outras formas de sociabilidade.

O comparativo entre as duas telas traz à tona os conflitos e cooperações ao longo do processo de imigração e assentamento do meio rural do Estado. O conhecimento da terra e dos processos de cultivo, das sementes, o manejo dos animais, os instrumentos da roça advêm de um processo de troca entre o gaúcho, indígena e imigrante. Com isso não estou supondo que o processo tenha sido pacífico, contudo, é imprescindível estabelecermos esse dinamismo entre outros grupos sociais, que também compunham a paisagem, como Weingärtner demonstra.

IMAGEM 3 - *Carreteiros gaúchos chimarreando*, 1911



IMAGEM 3 - PEDRO WEINGÄRTNER (1853 -1929): *Carreteiros gaúchos chimarreando*, 1911. Óleo sobre tela, 101 x 200 cm. Porto Alegre, Pinacoteca Aldo Locatelli

O ponto central da obra *Carreteiros gaúchos chimarreando* (imagem 3) é o fogo de chão em frente aos troncos que aquece uma panela de ferro. Um enquadramento triangular no centro da tela une a fumaça das chaminés, os troncos que alimentam o fogo, e a panela de ferro tocando as brasas no chão. Ao lado do fogo um “pingo” direcionando a cabeça para baixo como

se estivesse comendo algo do chão. Também no centro da tela, atrás dos troncos caídos há a presença de uma vaca pastando. Os seis gaúchos dispostos em uma roda no canto esquerdo da tela, apresentam diferentes trajés, segurando cuias de chimarrão e tocando gaita, em frente a carreta. Uns sentam em pequenos bancos de madeira, outros sentados direto nos troncos das árvores. O espaço de sociabilidade representado materializa uma paisagem cultural conectada a construção de uma identidade regional.

Originada a partir de códigos específicos, a construção identitária de um grupo social é percebida através de simbologias próprias, como as vestimentas, os utensílios, a maneira de fazer fogo, o estilo das casas, a música, o movimento dos corpos. Ou seja, a pintura de Weingärtner aproxima-nos de um olhar específico a códigos culturais que identifica um grupo social e materializa-se no espaço físico, como se estes fossem a única matriz social presente no local. Como reafirma Arruda:

A espacialidade predominante na formação social e histórica dos países de passado colonial, fez com que a ocupação do território se transformasse em um forte recurso de coesão social ou, poderíamos dizer, de formação de identidades coletivas nacionais. Ocupar o território, “povoadora no sentido do colonizador” e “despovoadora na perspectiva dos índios”, transformou a natureza em um recurso a ser apropriado²³

Sendo o território um elemento de identidade, vale ressaltar que estas transformações podem ser analisadas sob o ponto de vista da paisagem enquanto representação tangível e invisível dos valores socioculturais regionais.

Dessa maneira, nas palavras da pesquisadora Anne Cauquelin:

Os objetos da paisagem, essa árvore, essa fonte, essa fronde encrespada ou inclinação de nuvens não remete, parte por parte, às coisas da natureza tomadas separadamente; é a ordenação de sua aparição que significa: “natureza”. A maneira de ordenar as “coisas”, o vínculo que as une depende então de uma retórica. O que existe de “natural” na natureza, sua sensualidade imediata, só é percebido como enigma, por meio do artifício de uma construção mental.²⁴

Estas pinturas permitem não apenas perceber a relação humana com o espaço físico, dentre as principais as mudanças na paisagem do Rio Grande do Sul e os espaços de sociabilidade criados dentro dessas novas fronteiras, mas também a concepção de natureza do período. Natureza esta segmentada em inóspita ou cultivada, virgem e selvagem ou humanizado e produtivo. O embate natureza e progresso, revela de maneira ímpar, e até então

²³ ARRUDA, Gilmar. O chão de nossa história: natureza, patrimônio ambiental e identidade. UNESP – FCLASs-CEDAP, v.2, n. 2, 2006, p. 120.

²⁴ CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo, Martins, 2007, p. 86.

inédita no contexto brasileiro o processo de construção das representações identitárias dos trabalhadores rurais gaúchos em paralelo com as modificações físicas nas paisagens do Estado.

Weingärtner retratou diversas paisagens sulistas, valorizando principalmente a imagem do imigrante como advento do progresso aos campos de mata alta. Seus registros iconográficos apresentam uma série de informações da história do Estado. Principalmente se pensarmos o grande alcance de suas obras no período que vivia, e o papel de consolidar no imaginário de sua sociedade, de maneira quase que propagandística, a importância dos imigrantes na região, e o estereótipo do “gaúcho”. Seja na construção estrutural de seus quadros, ou na sólida representação de seus personagens, Weingärtner consegue criar uma elaborada narrativa do processo de construção do mundo rural riograndense.

Referências Bibliográficas

ARRUDA, Gilmar (Org.). **Natureza, fronteiras e territórios**. Londrina: Eduel, 2005

ARRUDA, Gilmar. O chão de nossa história: natureza, patrimônio ambiental e identidade. UNESP – FCLASs- CEDAP, v.2, n. 2, 2006. p. 117 - 132

BELTING, Hans. **Antropologia da imagem**. Lisboa: KKYM+EAUM, 2014, pp. 9-116.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo, Martins, 2007.

CLAVAL, Paul. **Geografia Cultural: O Estado da Arte**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (org). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 1999a. p.5997.

DEAN, W. **A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileiro**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras. 1996.

FOCHESATTO, Cyanna Missaglia de. **Imagens da imigração europeia nas pinturas de Pedro Weingärtner: representação do imigrante e do processo de colonização (século XIX e XX)**. Dissertação em História – UNISINOS, 2015.

HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Revista Território**, v. 2, n. 3, p. 77-85, 1997.

LIMA, Letícia; DA SILVA, Leonardo Xavier; DAL FORNO, Marlise AR. **As Abordagens Conceituais de Território/Territorialidade e as Relações com o Desenvolvimento Rural.** Caderno de Estudos Interdisciplinares, v. 1, n. 1, 2015.

MACHADO, Mônica Sampaio. **Geografia e epistemologia: um passeio pelos conceitos de espaço, território e territorialidade.** Geo UERJ, n. 1, 1997. p. 17-32.

NICOLAIEWSKY, Alfredo. **Weingärtner e a repetição.** In: VALLE, Arthur; DAZZI, Camila (Orgs.). Oitocentos – Arte Brasileira do império à República – Tomo 2. Rio de Janeiro: EDUR.UFRRJ/ DezenoveVinte, 2010, pg. 30 – 40

Rossi, Giovana Zamboni. **Narradores do Espaço no Tempo: Territorialidade e Paisagens em obras pictóricas e literárias na segunda fase do romantismo alemão.** 2018. 80f. Trabalho de Conclusão de Curso em História - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018

SACK, Robert David. **Human territoriality: its theory and history.** London, Cambridge University Press, 1986.

SILVA, Vicente de Paulo da. **Paisagem: concepções, aspectos morfológicos e significados.** **Revista Sociedade e Natureza.** Uberlândia. 2007, junho.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: A perspectiva da experiência.** SciELO-EDUEL, 2013.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Revista Estudos Históricos**, v. 4, n. 8, 1991. p. 198-215.